



---

## **DESAFIOS NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Evelin Stefanie Ferreira - UTFPR – eve.stefanie@gmail.com

Joice Maria Maltauro Juliano – UTFPR – joice@utfpr.edu.br

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo demonstrar os principais aspectos da dificuldade de aprendizagem em língua inglesa no ensino fundamental de uma turma de um colégio estadual da cidade de Santa Tereza do Oeste - PR. A necessidade desse estudo deu-se pelo fato da percepção de que os estudantes do ensino fundamental apresentam uma dificuldade acentuada no processo de aquisição de língua estrangeira moderna - inglês. Algumas estratégias de ensino foram adotadas a fim de que os estudantes pudessem compreender os conteúdos conceituais e utilizar o aprendizado dentro e fora da sala de aula. No momento da história em que vivemos, é essencial falar um segundo idioma uma vez que constante evolução da tecnologia tem exigido que as pessoas invistam cada vez mais em formação acadêmica e principalmente vencer fronteiras por meio de outros idiomas, principalmente a língua inglesa que tem se tornado referência como meio de comunicação internacional, assim é preciso ter uma postura positiva com relação à língua. Para aprender qualquer conteúdo é necessário querer aprender, ver um sentido na aprendizagem e estar motivado para tanto. É preciso compreender-se como indivíduo atuante e integrante de um grupo social, o que é essencial para despertar o interesse em internalizar o conhecimento.

**Palavras chave:** Ensino, aprendizagem, discurso, Língua Inglesa.

### **1 INTRODUÇÃO**

O ensino de língua inglesa na escola pública tem sido um desafio constante para os professores da rede. Os fatores determinantes para a aprendizagem de uma segunda língua são desprezados diante das dificuldades encontradas em sala de aula, visto que, um dos principais obstáculos, é a falta de interesse e objetivo do alunado no processo de aquisição de uma nova língua.

Nesse estudo foram apontados alguns dos principais empecilhos para o aprendizado de língua estrangeira na rede estadual de ensino e possíveis soluções para que a internalização da aprendizagem seja efetiva. O objetivo geral é identificar as dificuldades dos estudantes de nono ano do ensino fundamental em aprender língua inglesa. Os objetivos específicos são

identificar os principais obstáculos dos estudantes de ensino fundamental em aprender língua estrangeira e investigar o porquê de os alunos não demonstrarem interesse em adquirir uma segunda língua.

Alguns aspectos são fundamentais para desenvolver a língua de forma eficaz: o alunado, o professor, a sala de aula, o livro didático e o mundo exterior. Estes fatores determinam a significação do aprendizado do idioma. Para analisar detalhadamente cada item foi realizada uma pesquisa de campo na qual a população pesquisada foram estudantes do nono ano do ensino fundamental de um colégio estadual da cidade de Santa Tereza do Oeste - PR, visto que o objetivo do presente trabalho é apontar as dificuldades encontradas por estes alunos na aquisição de língua inglesa.

Os dados foram coletados com vistas às notas obtidas na disciplina de língua inglesa considerando as avaliações executadas. Os resultados foram analisados a partir dos resultados positivos e negativos dos estudantes de ensino fundamental com relação às provas realizadas em sala de aula e confrontadas com a fundamentação teórica a respeito do tema.

Com a rapidez com que as informações são processadas, a internalização dos conteúdos se torna superficial, no entanto para dominar uma segunda língua é necessário desenvolver a aptidão. Não há um consenso sobre a real definição de aptidão, no entanto Carroll a define como:

Aptidão como um conceito corresponde à noção de que ao se aproximar de uma tarefa ou programa particular de aprendizagem, o indivíduo pode ser visto como sendo dotado de um estado atual de capacidade para aprender aquela tarefa – se estiver motivado e se estiver oportunidade de aprender.  
(CARROLL. 1982, p.84)

Nesse sentido, é necessário estimular as habilidades linguísticas, além de aspectos motivacionais, oportunidade, interesse, objetivo e, com certeza, a aptidão na aprendizagem de língua inglesa uma vez que Segundo Alpetkin & Alpetkin

Em geral, o ensino de inglês como língua estrangeira é importante para a cultura estrangeira porque abre portas para o mundo da tecnologia de ponta e do desenvolvimento industrial. No entanto, as normas culturais e os valores dos países de língua inglesa que são levados com os dados técnicos e equipamentos são frequentemente considerados "estranhas e inaceitáveis características da cultura ensinada, e não necessariamente por razões chovinistas". Na verdade, estando do lado receptor de um fluxo unilateral de informações vindas

de centros Anglo–Americanos, o país estrangeiro corre o risco de ter a sua própria cultura totalmente submersa. (ALPETKIN & ALPETKIN.1990, p. 22-23)

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A aprendizagem da língua estrangeira**

Considerando o estudo de língua e suas diferentes abordagens, faz-se necessário compreender diversas concepções que norteiam essa prática de acordo com a necessidade e público a quem se destina. No contexto histórico em que estamos atravessando é um grande desafio prender a atenção e despertar o interesse nos alunos em aprender os conteúdos científicos os quais são essenciais para a formação do indivíduo tanto no aspecto acadêmico como social.

Percebe-se a ineficácia do aprendizado dos estudantes diante dos índices que medem o conhecimento do ensino fundamental Sistema de avaliação da educação básica (SAEB), instituído no Brasil pelo Ministério da Educação (MEC), a fim de medir o quão os alunos estão absorvendo de aprendizado e conhecimento. É fato que as taxas da prova vêm aumentando ao longo dos anos, no entanto ainda é insuficiente se compararmos com outros países em desenvolvimento, para Pinto

a comunicação humana tem finalidades distintas nos níveis pessoal e social. Ao transmitir ideias, crenças, emoções e atitudes em suas interações diárias, os interactantes constroem e mantêm suas posições em vários contextos sociais empregando, simultaneamente, uma ou mais habilidades comunicativas. Nesse processo, os interactantes mudam rapidamente de um papel e habilidade para outro, como da audição para a fala e de volta à audição. Também podem realizar tarefas que envolvam o uso simultâneo de várias habilidades, como ler e resumir um texto, por exemplo (PINTO, 2006, p.160).

A língua inglesa faz parte do currículo básico no Brasil desde meados de 1940, quando o país estava em débito junto aos Estados Unidos e, nesse sentido, era necessário aprender a língua inglesa. Na década seguinte, o sistema educacional brasileiro obrigou-se a moldar as pessoas para o mercado de trabalho, com isso as disciplinas tornaram-se mais técnicas diminuindo assim o ensino de línguas no país. Desde então a discussão sobre a inclusão/exclusão da disciplina e inserção de metodologia tornou-se constante

entre os órgãos competentes. As abordagens comunicativas dependem do processo cognitivo dos estudantes. Neste caso é preciso identificar inicialmente qual a maneira para que os alunos aprendam melhor, ou seja, é primordial determinar métodos e técnicas para o ensino de língua inglesa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCN-LE), (1998), o trabalho desenvolvido em sala de aula de LE deve enfatizar, dentro das habilidades comunicativas, o processo da compreensão escrita e oral “que envolve fatores relativos ao processamento da informação, cognitivos e sociais” (PCN-LE, 1998, p.89). Diante dessa “perspectiva, as atividades realizadas têm como objetivo vivenciar experiências construtoras da aprendizagem, uma vez que integram as dimensões interacional, linguística e cognitiva da aprendizagem de LE” (PCN-LE, 1998, p.88). O docente de língua inglesa deve dominar as diversas esferas em que circula a língua principalmente os gêneros textuais, para que os utilize como recurso de ensino do idioma como descrevem as Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Estrangeira Moderna, “[...] o ensino de Língua Inglesa deve contemplar os discursos sociais que a compõem, ou seja, aqueles manifestados em forma de textos diversos efetivados nas práticas discursivas” (DCE, LEM, 2008, p.57). Além disso, “o professor de línguas estrangeiras é um profissional em formação contínua; precisa sempre estar se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças” (LEFFA, 2006, p.09).

A aprendizagem de língua estrangeira deve envolver as quatro habilidades: oralidade, audição, leitura e escrita. Além disso, como afirma Almeida Filho,

A aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código linguístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio, mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações, e pessoas. Esses clarões culturais conseguem às vezes marcar nossa percepção e memória de maneira indelével e para sempre (ALMEIDA FILHO, 1998, p. 28).

No que concerne as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Inglesa,

[...] Espera-se que o aluno:

- use a língua em situações de comunicação oral e escrita;

- vivencie, na aula de Língua Estrangeira, formas de participação que lhe possibilitem estabelecer relações entre ações individuais e coletivas;
- compreenda que os significados são sociais e historicamente construídos e, portanto, passíveis de transformação na prática social;
- tenha maior consciência sobre o papel das línguas na sociedade;
- reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural, bem como seus benefícios para o desenvolvimento cultural do país. (DCE, LEM, 2008, p. 56)

Dessa forma a aprendizagem de língua inglesa envolve não somente os aspectos da linguagem e suas abordagens como os aspectos culturais que, auxiliam satisfatoriamente no processo de aquisição da nova língua.

## 2.2 A leitura em língua estrangeira

Indiretamente fazemos constantemente algum tipo de leitura, seja uma imagem, um símbolo, uma placa ou qualquer outro recurso que transmita uma mensagem. Essa leitura ocorre em determinadas situações de maneira mecânica e pode acontecer numa língua diferente da materna. Uma maneira para que os alunos pratiquem leitura em língua inglesa é utilizar textos para demonstrar o uso de estruturas gramaticais além do vocabulário, pois “considerando que ler é compreender, interpretar, e, sobretudo, construir significado e conhecimento é necessário desenvolver um repertório linguístico e lexical, além de conhecimento de mundo do nosso aluno, ao mesmo tempo em que ele está lendo” (MOOR, CASTRO E COSTA, 2006 p,159).

Quando um texto é utilizado como recurso de ensino, é oferecido um leque de possibilidades de aprendizagem, já que estes podem ser informativos, narrações, acontecimentos históricos ou do cotidiano, opiniões, descrição de lugares, paisagens, pontos turísticos, etc., o que faz com que o aluno se familiarize com os gêneros textuais e principalmente com a língua inglesa já que

a ação de linguagem integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático que o agente-produtor de um texto mobiliza. Uma dessas mobilizações é a escolha de um gênero que o agente considere adequado e eficaz para a situação que está vivendo. Para essa escolha, ele recorre ao conjunto de gêneros disponíveis ao seu redor e decide por aquele que se apresente como mais pertinente. (CRISTÓVÃO, 2007, p.10)

Concomitante à prática da leitura é imprescindível praticar a escrita na língua estrangeira seja em forma de pequenos textos, quizzes, exercícios, avaliação, resumos, frases e por maior dificuldade que o aluno ou a turma

tenha em desenvolver a habilidade é necessário que se promova situações de produção textual. Um recurso de grande aceitação por parte dos estudantes são as redes sociais, pois ao propor que escrevam em língua inglesa percebem o quão útil é saber o vocabulário, estruturas textuais e gramaticais.

Ao praticar leitura e escrita as habilidades de pronúncia e audição são desenvolvidas paralelamente, pois a cada produção é aconselhável que seja realizada uma leitura em voz alta, assim aquele que lê pratica a pronúncia e aquele que ouve potencializa a audição em língua inglesa. Realizar as atividades de leitura e audição em duplas, em geral, desinibe e faz com que os alunos percam a timidez e o receio de falar em inglês. As práticas de leitura, escrita, audição e pronúncia em língua inglesa fornecem subsídios para o professor identificar as dificuldades e deficiências no ensino da linguagem, pois a partir da observação é possível determinar se o método utilizado foi eficaz ou não, caso negativo, propor outras práticas a fim de alcançar os objetivos específicos da disciplina.

A linguagem é o meio de comunicação pelo qual as pessoas interagem entre si. Nesse sentido é possível aplicar este conceito também para a língua, já que o indivíduo utiliza a língua como mecanismo para se desenvolver socialmente. O ensino de línguas tem sido desafiador para professores, uma vez que o principal objetivo é ampliar o conhecimento e a aplicação prática do aprendido. Moita Lopes *apud* Moita Lopes (1996, 182) afirma que “ensinar uma língua é ensinar a se engajar na construção social do significado e, portanto, na construção de identidades sociais dos alunos.”

Mas como fazer com que o aluno compreenda uma segunda língua? Há vários fatores responsáveis pela não-aprendizagem de inglês. Os estudantes relataram que não se dedicam em aprender inglês na escola por não ter utilidade prática dentro ou fora do contexto escolar. Isto ilustra o que afirma Motta Roth:

De modo geral, na escola pública, especialmente naquelas fora das grandes metrópoles, o contato com falantes nativos é praticamente nulo, e a interação com professor e colegas torna-se a única (e pouco comum) fonte de uso da língua. Nesse caso, a língua-alvo raramente é usada como “forma de estar no mundo”, como um sistema sociosemiótico que nos possibilita produzir significados relevantes para falantes e ouvintes, escritores e leitores, mas como disciplina objeto de estudo, um sistema de regras abstratas a serem aprendidas

precisamente, sem que façam parte da educação integral do aluno. Ao longo do tempo, a sala de aula de língua estrangeira foi se construindo como uma impostura. (MOTTA-ROTH, 2006, p.176).

No início do ano letivo todos os alunos receberam o livro didático com CD-ROOM, sendo consumível, e foi solicitado que eles sempre estivessem na mochila nos dias de aula de língua inglesa já que poderiam realizar as atividades no próprio livro sem haver a necessidade de fazer cópia dos conteúdos e atividades.

O livro didático muitas vezes é deficiente nos aspectos culturais, já que privilegia os conteúdos gramaticais. Ao realizar uma análise percebeu-se que os exercícios não exigem outros conhecimentos do aluno além das regras gramaticais. Holden (2009) afirma que “um livro didático ‘hostil’ não faz conexão entre as diferentes culturas e sociedades, e não oferece possibilidades de expandir o trabalho realizado em sala de aula de modo ativo.” Dessa maneira, outros recursos pedagógicos e referencial bibliográfico são necessários para suprir as necessidades e carências do livro didático. Além disso, a aprendizagem é mais significativa quando são apresentados outros recursos, as aulas se tornam menos cansativas, pois não há somente o uso do livro didático.

É necessário haver um convívio com a língua estrangeira. Isso deve ser promovido pelo professor em sala de aula e estimulado para fora dela. Brown e Levinson *apud* Tavares (2006, p.80) elencam algumas marcas discursivas para a promoção desse convívio. São elas:

Verbais:

- Falar em inglês;
- Usar diminutivos;
- Usar afetividade;
- Ser informal;
- Usar termos de senso comum;
- Usar a primeira pessoa do plural;
- Envolver alunos na decisão de fluxo de atividades;
- Fazer brincadeiras, rir;
- Dar as respostas das próprias perguntas;
- Pedir desculpas por algo que fez ou falou;
- Concordar com as vontades dos alunos;
- Generalizar perguntas;
- Pedir permissão para continuar atividade;

- Repetir e traduzir palavras;

Não-verbais:

- Dar ênfase e motivação na fala;
- Movimentar-se entre alunos;
- Bater palmas ritmadas;

(TAVARES, 2006, p.80)

Ao utilizar esses recursos o professor poderá obter atenção e fazer com que os alunos busquem na memória o aprendizado de séries anteriores e o conhecimento adquirido naquele determinado conteúdo que está vendo além do conhecimento de mundo, linguagem fora do ambiente escolar que eles aprendem, seja na internet, filmes, seriados ou até mesmo nas propagandas e conversas informais. Para Jorge,

O caráter educativo de ensino de uma LE está nas possibilidades que o aluno pode ter de se tornar mais consciente da diversidade que constitui o mundo. As múltiplas possibilidades de ser diferente, seja pela cultura, sejam pelas identidades individuais, podem fazer com que o indivíduo se torne mais consciente de si próprio, em relação a seu contexto local e ao contexto global. (JORGE 2009, p. 163)

Para tanto é necessário que os estudantes tenham uma visão multicultural e compreendam a importância de aprender uma língua estrangeira.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Com o propósito de analisar a significação da língua inglesa para um determinado grupo de alunos realizamos uma pesquisa de campo, pois

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (GIL, 2002, p.53)

Nesse sentido esse tipo de pesquisa oferece subsídios para analisar especificamente o estudo em questão já que, segundo Lakatos (2001, p. 224), “a finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter

interpretativo, no que se refere aos dados obtidos”. Dessa forma, é necessário que a pesquisa esteja relacionada com o universo teórico, “optando-se por de um modelo que dê embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados” (LAKATOS, 2001, p. 225).

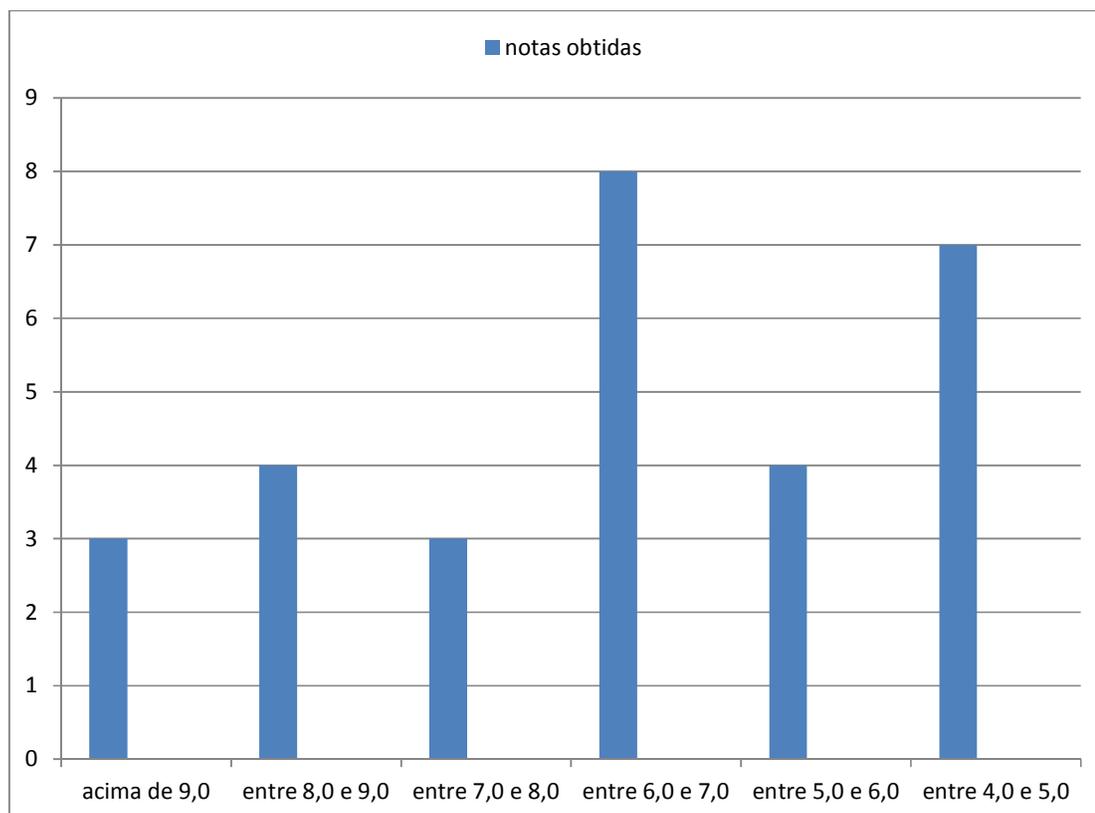
Para esse estudo foram coletados dados de uma turma, de trinta e sete alunos, de nono ano do ensino fundamental “A”, de um colégio estadual, localizado no município de Santa Tereza do Oeste, região oeste do estado do Paraná com aproximadamente dez mil habitantes. Foi solicitado à coordenação pedagógica um levantamento sobre as notas consideradas baixas na disciplina de língua inglesa nas turmas do ensino fundamental, a qual foi apontada a turma em que foi realizado o questionário.

A professora da disciplina relatou que possui dificuldade em desenvolver as atividades propostas, visto que os alunos apresentam comportamento inadequado e indisciplinado a maior parte do tempo impedindo assim que ela tenha um retorno positivo em relação aos conteúdos. Segundo a professora os resultados são ineficazes diante das propostas de atividades e aquisição do idioma. Isto porque diversas técnicas e/ou abordagens foram aplicadas a fim de observar qual delas teria mais aceitação.

Outra dificuldade citada pela professora foi o fato de os alunos confundirem constantemente as regras gramaticais da língua inglesa com as da língua portuguesa, bem como o vocabulário e expressões. Ela ainda observou que mesmo tentando utilizar técnicas como brincadeiras, jogos e atividades lúdicas com o intuito de envolver os estudantes nos conteúdos, eles não demonstram interesse em participar ou em querer aprender e quando o fazem é porque o objetivo é simples e unicamente o vestibular. O discurso da professora vem de encontro o que afirma Perin,

Apesar de reconhecerem a importância de se saber inglês, os alunos tratam o ensino da língua inglesa na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa na maioria das vezes a indisciplina nas salas de aula [...]. O professor trabalha com a sensação de que o aluno não crê no que aprende, demonstrando [...] menosprezo pelo que o professor se propõe a fazer durante a aula.(PERIN. 2005, p.150)

A turma possui trinta e sete alunos que frequentam assiduamente. No entanto, trinta e três alunos responderam às perguntas elencadas, pois quatro alunos estavam ausentes no dia da aplicação. Além do questionário foram consultadas as notas obtidas nas avaliações de língua inglesa, relativas ao primeiro trimestre do ano de 2015, conforme ilustrado no gráfico.



**Gráfico 1 – Notas obtidas pelos alunos**

**Fonte: A autora, 2015.**

Ao analisar o gráfico percebe-se o baixo aproveitamento dos estudantes na disciplina de língua inglesa. A professora da turma explicou que apesar dos desafios e dificuldades enfrentados no cotidiano da sala de aula, da compreensão de que são diversos fatores que influenciam na não-aprendizagem tem tentado alternar as técnicas e metodologias de ensino para que os alunos tenham um aprendizado efetivo e de qualidade.

As informações obtidas para esse estudo ocorreram por meio de questionário, no qual os alunos respondiam às seguintes perguntas:

- Você gosta de aprender inglês?
- Por que você acha importante aprender inglês na escola?
- Qual sua maior dificuldade em aprender o idioma?
- Você utiliza a língua inglesa fora da escola?

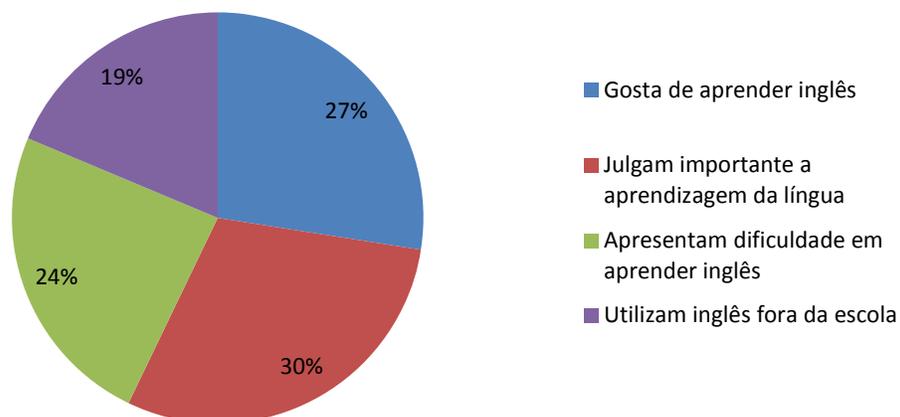
Com relação à pergunta 1, vinte e cinco dos trinta e três alunos que responderam o questionário, afirmaram que gostam de aprender inglês na escola, pois são utilizadas músicas, vídeos, trechos de seriados e filmes para treinar a audição e verificar os termos que são comumente empregados na linguagem informal desses recursos.

Na questão 2, vinte e sete estudantes responderam que é importante o aprendizado de língua inglesa. Essa afirmativa se justifica, de acordo com os alunos, pela necessidade que o mercado de trabalho tem exigido dos profissionais nas mais diversas áreas de atuação.

As dificuldades apontadas na pergunta 3, de acordo com a resposta de vinte e dois alunos, resumem-se na dificuldade de pronúncia, memorização das palavras, regras gramaticais, identificação dos gêneros textuais e formação das frases.

A questão 4 foi respondida positivamente por dezessete estudantes pelo fato de ouvirem constantemente termos em inglês nas músicas, propagandas, internet, seriados, blogs, redes sociais, mas não porque a utilizem na prática. A resposta foi afirmativa em relação ao contato, mas negativa com relação ao uso de fato, se comunicar, seja na forma oral ou escrita.

## GRÁFICO DOS RESULTADOS OBTIDOS NO QUESTIONÁRIO



### Quatro 2 – Resultados do Questionário realizado com alunos

Fonte: A autora, 2015.

Informalmente os alunos relataram que julgam importante saber uma segunda língua e que a língua inglesa é a mais falada ao redor do mundo, sendo dessa maneira, primordial para conseguir uma boa vaga no mercado de trabalho. No entanto, eles admitem que não se esforçam o suficiente para realizar as propostas em sala de aula, que muitas vezes não estão dispostos a por em prática o conhecimento adquirido e nem a se esforçam para aprender um conteúdo novo. Para Leffa,

Em nenhuma outra disciplina do currículo escolar talvez seja tão fácil excluir o aluno como no caso da língua estrangeira. Há inúmeros mecanismos para isso, desde as insinuações ideológicas à falta de patriotismo, de ameaça à cultura nacional e à própria língua, até a autoexclusão, sutilmente inculcada no aluno pela sociedade. (LEFFA 2009, p.123)

Assim, há um longo percurso para superação desses obstáculos, tanto por parte do sistema educacional vigente, dos professores de língua estrangeira bem como dos alunos que são os principais sujeitos a desenvolver o conhecimento crítico, o saber pelo lazer e não apenas por obrigação ou como requisito para aprovação no vestibular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ampliar a perspectiva do conhecimento cultural é uma oportunidade de analisar diversas visões de mundo, uma vez que a língua inglesa vem se universalizando, o que facilita o desenvolvimento de um mundo globalizado mesmo tendo em cada falante suas características, bagagem cultural e ideologias.

O processo de ensino é um desafio para professores de língua estrangeira, principalmente no que se refere à comunicação. O ideal seria que os alunos dominassem os conhecimentos gramaticais, o vocabulário para se comunicar em língua inglesa, mas em especial conhecessem outros aspectos da língua como os hábitos, tradições e a cultura de um país. Assim, o estudante poderia valorizar o seu país, a sua cultura, seus pares, sua língua materna e principalmente conhecer a si mesmo, além de reconhecer-se como integrante de uma sociedade que age e transforma o espaço em que vive e compreende que as culturas e as línguas co-existem.

A escola é o espaço primeiro em que o indivíduo pode expressar-se. Assim, o professor deve estar preparado para adotar diferentes metodologias a fim de auxiliar os estudantes na construção do conhecimento e oferecer um ensino de qualidade. Nesse sentido, a diversidade de gêneros textuais possibilita a capacidade de compreensão social e crítica do leitor, pelo fato de, esses gêneros contemplarem as dimensões filosóficas, artísticas e científicas do conhecimento. É por meio deles que a possibilidade de comunicação e interação social se torna eficaz na construção de sentido do texto sob a perspectiva discursiva da língua. Para desenvolver a habilidade de comunicação e escrita é necessário compreender as diversas classes gramaticais da língua e utilizá-la corretamente na oralidade e na escrita. O ensino envolvendo o gênero biografia justifica-se pela necessidade de compreender e relacionar fatos do passado e do presente oportunizando um elo entre esses dois períodos para, assim, amadurecer o conhecimento no futuro.

Diante dos desafios enfrentados no cotidiano da sala de aula, os resultados obtidos nessa pesquisa servirão de subsídio para uma análise dos aspectos que precisam ser aperfeiçoados no ensino de línguas, uma vez que essa prática

docente envolve diversos fatores e é necessário permear caminhos que possibilitem ao estudante de língua inglesa do ensino fundamental adquirir de forma efetiva o aprendizado do idioma. Cativar e motivar os alunos, é de fato, um grande desafio, mas conhecer a realidade deles é primordial para definir os encaminhamentos pedagógicos do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, esse trabalho torna-se um referencial para que professores, de língua inglesa, do ensino fundamental, conheçam um pouco da realidade que vivenciamos em sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1998.

ALPTEKIN, C.; ALPTEKIN, M. The question of culture: EFL teaching in non-English-speaking countries. In: ROSSNER, R.; BOLITHO, R. (Eds.). **Currents of Change in English Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARROLL, J. B. "Twenty-five Years of Foreign Language Aptitude Research". In.: DILLER, K. C. (ed). **Individual Differences and Universals in Language Learning Aptitude**. Rowley, Mass., Newsbury House, pp.83-118, 1982.

CRISTÓVÃO, V. L. L. **Modelos didáticos de gênero: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira**. Londrina: UEL, 2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição, São Paulo: Atlas, 2002.

HOLDEN, Susan. **O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais**. São Paulo: Special Books Services Livraria, 2009.

JORGE, M. L. S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In Lima. D. C. de. **O ensino e aprendizagem de língua inglesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**.

2. ed. São Paulo: Atlas, 231p, 1991.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

LEFFA, V.J. **O professor de línguas estrangeiras**. Pelotas: Educat, 2006.

MOOR, A.M., CASTRO, R.V., COSTA, G.P. O ensino colaborativo na formação do professor de inglês instrumental. In LEFFA, Vilson J (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, 2006.

MOTTA-ROTH, D. De receptor de informação a construtor do conhecimento O uso do chat no ensino de inglês para formandos de Letras. In LEFFA, Vilson J (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, 2006.

PARANÁ, Secretaria de Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Estrangeira Moderna** Curitiba: SEED-PR, 2008.

PERIN, J. O. R. **Ensino / aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal**. Pelotas: Educat, 2005.

PINTO, A. P. O sócio-construtivismo e sua influência no processamento de leitura-escrita dos aprendizes. In LEFFA, Vilson J (Org.). **A interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educat, 2006.

MOITA LOPES, L. P da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Oficina de linguística aplicada – a natureza social e educacional dos processos de ensino / aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

TAVARES, R. R. Estratégias de negociação da imagem. In LEFFA, V. J. (Org.) **A interação na aprendizagem das línguas**, Pelotas: Educat, 2006.